

Feminismo e Lesbianismo Radical

Feminismo e Lesbianismo Radical
Claudie, Graziella, Irene, Martine, Françoise
1981

Este artigo surge do trabalho e discussões de cinco lésbicas no Fronte [1]. Este não é um manifesto definitivo. É simplesmente a formulação de questões, linhas de reflexão, e os começos de uma análise. Isso irá, com certeza, ser desenvolvido durante e depois da conferência. [2]

Nós mantivemos o mesmo método de apresentação como usamos em nosso trabalho, que é um panorama escrito mostrando a genesis das nossas discussões, e uma crítica ponto a ponto desse panorama.

A. Nossa Crítica ao Feminismo

1. Práticas repressivas e de *guilty-tripping* (indutoras de culpa) com lésbicas. Enlucrando de sua energia e seu trabalho enquanto forçando-as a negar sua lesbianidade. Acusando lésbicas que querem ser visíveis de ‘serem divisivas’. Discriminação, desprezo ou indiferença em torno de mulheres gays ‘apolíticas’.

Crítica

Repressão do lesbianismo não deveria ser colocada em primeiro lugar de uma crítica ao Feminismo. Apenas em alguns grupos isso tomou a forma inteiramente inclusiva (negação da existência mesma das lésbicas, prestar atenção apenas a puros problemas heterossexuais). Isso apenas foi politicamente promovido contra lésbicas políticas (não contra lésbicas feministas), ou seja, apenas para aquelas que procuravam estabelecer um movimento político abrangente baseado em Lesbianismo. Em grupos feministas radicais, por exemplo, lésbicas feministas ativas no MLF (Movimento de Libertação de Mulheres francês), trabalharam em questões de políticas de ‘identidade’, foram totalmente aceitos.

“Divisionista” – uma acusação elevada particularmente a lésbicas políticas tão cedo quanto elas tiveram expressado o mais remoto desejo por um movimento lésbico autônomo, ou fizeram qualquer análise criticando o heterossistema a qualquer extensão. A reclamação de que ‘lésbicas causam divisões entre mulheres’ nos parece vir, essencialmente, via teoria de estágios espontâneos. Essa é a teoria de que cada mulher deve subir um certo número de degraus na escada antes que ela atinja a plataforma de Feminismo e Homossexualidade. Sugere-se com isso que mulheres possuem apenas um conhecimento parcial da opressão, que elas devem digerir antes de passar para o próximo degrau. Nosso dever é, claro, alimentar elas de cada migalha de conhecimento, colocando toda nossa energia nessa tarefa, mas apenas dar a elas um bocado a cada tempo.

Mas essa técnica: a) sempre é acompanhada pelo terrível medo do ‘isolamento’ a medida que a mulher vai se tornando consciente da opressão poderia ficar amedrontada e sair correndo. No final

do dia, 'conscientização', conhecimento, permanece objeto de terror, algo negativo que pode apenas impedir a luta. b) sempre requer construir um movimento monolítico de massa para a maioria das mulheres, apenas por reunir juntas como mulheres, sem objetivos políticos claros. A característica final desta técnica é convocar todas aquelas que não estão a favor de um imensa mistura heterossexual, isso conscientemente gerado em degraus lentos, terroristas. Dizer que você pensa do heterossistema, isto é da opressão, se torna em si um ato de terrorismo.[3]

2. Não colocar em questão a heterossexualidade como as *políticas* dos homens como uma classe. No máximo, heterossexualidade é desafiada como 'norma', em nome da liberdade sexual, que equivale quase a colocar Lesbianismo e Heterossexualidade no mesmo nível, reduzindo o problema a uma questão de sexualidade. Heterossexualidade é até mesmo justificada como o 'campo de batalha' da luta contra homens (e lésbicas não são nada senão desertoras covardes...) veja QF (Questions Feministes – Questões Feministas [4]) No. 7, E. de Lesseps "Heterossexualite et Feminisme" La Revue d'en Face [the Review Opposite] No. 9-10 colaboração especial.

Crítica

Desenvolver a ideia de que heterossexualidade = as *políticas* dos homens como classe. O heterossistema em geral, e a heterossexualidade em particular, faz possível as condições materiais necessárias para eles, e a ideologia que eles incorporam; esses sistemas mantêm a exploração e opressão de mulheres como uma classe por homens como uma classe. O heterossistema é o verdadeiro cerne da sociedade; não desafiar, não se empenhar em destruí-lo, faz qualquer tão chamada luta pela Libertação das Mulheres hipo-crítica e sem sentido.

Nos parece de fundamental importância repetir que heterosocialidade e heterossexualidade são a essência (a vera substância) do poder falocrático, do heteropatriarcado. De fato, não é possível, mesmo como estratégia, postular a existência do patriarcado fora da sua própria infra-estrutura, e subsequentemente uma heterosocialidade e heterossexualidade como uma invenção apolítica. Isto sempre foi o raciocínio feminista: cortar o conceito de patriarcado fora de sua essência, o que as permite, na análise final, 'lutar' algo imanente, desencorpado, efêmero, um tipo de deus (a campanha simbolista da psykepo é uma expressão direta desse tipo de Teoria Feminista). Este idealismo é evidente em cada análise Feminista; poder nunca tem nenhuma base, qualquer raiz, então não há estratégia para lutar isso. Tudo se torna uma série de abstrações, sem conexão, a classe dos homens meramente uma coleção de indivíduos.

3. Recusa em conceber uma separação estratégica dos homens: campanhas feministas terminam, de fato, em um endossamento, uma recuperação das relações macho/fêmea (olhe para o problema de campanhas em torno ao aborto, contracepção, emprego, mulheres agredidas, estupro...).

Crítica

A recusa em promover desenvolvimentos políticos entre todas as ativistas feministas é vista como essencialmente na afirmação (repetida sobretudo por Delphy, cf *Nouvelles Questions Feministes* [Novas Questões Feministas] No. 1) da 'diversidade do movimento', tantos Movimentos de Libertação *de Femmes* quanto há grupos, etc.... em efeito implicando a idéia (naturalista) de que qualquer e todo grupo de mulheres está lutando opressão (qualquer coisa que fizermos como mulheres é Feminista, subversivo, etc...) Uma dessas pérolas anarco-sindicais de sabedoria sendo o Marais 1000 [4], uma tendência que provou ser a quintessência desse culto da espontaneidade. Cada mulher é uma tendência feminista em si mesma, nenhuma teoria é possível. O movimento é todo-

importante, o objetivo conta para nada. Por isso o perpétuo rodopiar do pião, um questionamento sistemático de cada proposição, cada análise. Se torna uma deliberada inabilidade de retirar qualquer lição do passado. Mas isso não nos engana. Isso indica a presença de uma liderança escondida por trás das cenas, uma liderança que é mais perigosa por não ser estruturalmente reconhecida. Uma das consequências dessa deliberada vaguidão foi de que todos grupos lésbicos com posições similares foram acusados de sectarismo e stalinismo...

A ideia de que naturalismo é anti-lésbico precisa ser desenvolvida. Lesbianismo anti-político: a recusa em ver lesbianismo radical como uma posição política, um ataque ao sistema falocrático. A asserção de que lesbianismo é meramente uma questão de preferência sexual pode apenas ser teoricamente justificada por um conceito naturalista de desejo (lésbicas desejam homens e não mulheres). Se 'desejo' não é político, isso pode ser apenas uma questão de natureza (instinto, ou para dar a isso uma forma mais moderna, psicanalítica: pulsão).

Mas, se desejo, incluindo desejo por homens, não é político, então heterossexualidade deve ser vista como natural. É bem interessante examinar essa posição. Nós já sabíamos que para Feministas heterossexualidade é, basicamente, natural (mesmo que elas tenham feito declarações superficiais do contrário) mas isso mostra que para elas, também, nós continuamos a ser vistas como '*contra a natureza*'.

É óbvio para nós, por outro lado, que lesbianismo é anti-naturalista, não apenas porque é político, mas também porque, conscientemente ou não, é antagonístico a feminização. Que algumas lésbicas ainda considerem a si mesmas contra a natureza é outro problema.

5. Ambiguidade do termo 'feminismo'. O sentido predominante desse termo é "lutar por mulheres", enquanto nós queremos destruir Homens e Mulheres como categorias sociais. O termo Lesbianismo Radical faz separação dos homens bem clara (ver Monique Wittig *QF* no.8).

Nota: algumas Lésbicas Radicais fizeram as seguintes objeções:

- por que não podemos reter o termo Feminismo e dar a isso nosso próprio sentido?
- Não seria o termo 'heterofeminismo' mais acurado para entender nossas críticas?

Críticas

O termo 'Feminismo'

- falando de maneira geral, ser uma feminista significa lutar pelas mulheres
- há um passo curto disso para 'Feminismo iguala mulheres' então ser anti-feminista pode apenas significar ser anti-mulher (nós precisamos pensar a origem naturalística dessa posição).

1. Feminismo é a teoria dos homens e mulheres que clamam lutar pela liberação das mulheres sem atacar o heterossistema. Feminismo é uma teoria totalitária que clama estar sozinha nessa luta contra a opressão das mulheres.

2. Algumas Lésbicas Radicais permaneceram atadas, por razões históricas ou outras, ao termo 'Feminismo', assertando que de fato Feminismo é a luta pela liberação das mulheres, que a lógica dessa luta é lesbianismo político e que qualquer Feminista que não é também uma Lésbica Radical, não é uma Feminista real. Esse conceito é perigoso até o ponto em que:

- causa confusão geral que, dado o estado de nossos recursos, estaremos incapazes e desfazer rapidamente (algo mais que a subta confusão causada por *psykepo* [5] entre Feminismo e o MLF foi desfeita na maior parte das mentes das pessoas).

- mais ainda, declarando feministas, nossos adversários políticos, sendo não-feministas e então, a uma certa extensão, eliminando o problema colocado pela existência de um movimento relativamente poderoso, é subestimar os adversários em questão e privar a nós mesmas dos meios de lutá-los.

3. O termo Feminista se refere a mulheres, o que é escarçamente apropriado para nós desde que estamos lutando para destruir as classes sexuais e, particularmente, porque nossa luta começa da única posição política, social, capaz de validar isso, a separação de homens claramente expressa no vero termo que nos descreve: Lesbianismo Radical.

4. As análises precedentes fazem isso claro de que enquanto a idéia de 'recuperação' heterofeminista pode ter sido um estágio da nossa crítica e o começo de nossas análises, agora pode apenas parecer redundante.

É interessante refletir seja onde há ortodoxia feminista, assim como há ortodoxia marxista ou cristã. Em efeito, de acordo com aquelas lésbicas, nós estamos, logicamente, representando a dominação de uma tendência revisionista dentro do movimento feminista. Nós devemos também considerar onde essa tendência Feminista Radical, comparável com Lesbianismo Radical, existe em qualquer lugar outro que na mente.

B. Lésbicas fora do Feminismo

É importante analisar o potencial do *Front Homosexuel d'Action Revolutionnaire* [6] (Frente Revolucionário de Ação Homossexual ou FHAR) do seu começo: primeiro porque ele foi fundado por lésbicas, segundo porque ele apareceu ao mesmo tempo que o *MLF*. Nós precisamos explicar por que esse movimento homossexual não obstante, foi incapaz de desenvolver-se como um movimento político lésbico autônomo (independente da *MLF* e do Feminismo). Por quê algumas das lésbicas que providenciaram esse ímpeto rapidamente foram levadas a um duplo ativismo (lésbico e feminista) de modo a silenciar o que havia sido a essência de sua luta, i.e. Lesbianismo? A falha da *FHAR* em desenvolver-se num movimento lésbico forçou algumas lésbicas no *MLF*, reforçando-o e devotando toda sua energia numa luta que não era a sua (mesmo se, naquele momento, elas não tinham a mesma análise do Feminismo que nós temos agora). De qualquer forma, muitas lésbicas se juntaram ao *MLF* antes de se tornarem feministas, acreditando que encontrariam outras mulheres gays. Outras, que nunca tiveram posto um pé nele, não se sentindo envolvidas na luta se juntaram ao Frente Lésbico Radical por meio duma ruta não-feminista (possivelmente via grupos gays, etc...).

2. Nós também precisamos analisar o papel que o *Groups de lesbiennes de Paris* [7] (Grupo Lésbico de Paris, ver Masques No.1-8) pode ter jogado. O ímpeto desse grupo foi provido por lésbicas não-feministas (que rejeitaram feminismo como uma recuperação da heterossexualidade) embora um grande número de lésbicas feministas tiveram passado por ele.

C. Lésbicas dentro do Feminismo.

Por outro lado, houveram poucos grupos lésbicos (*Gouines Rouges* – Sapatões Vermelhas), Grupos

Lésbicos Feministas, etc...).

1. Esses grupos não viam o lesbianismo como a base de suas políticas, mas aceitaram a divisão

- *lesbianismo* como experiência vivida, emoção, sexualidade, cultura

- *feminismo* como dimensão política

2. Eles eram então incapazes de ir além de discussões sobre 'experiência pessoal' (mais frequentemente que se imagina, de fato, havia uma série de relatos pessoais sem qualquer análise real) para formar uma prática política coletiva. Todos estes grupos terminaram se dissolvendo.

3. Por que haviam esses limites e contratempos?

Possíveis explicações:

- O peso da *norma feminista*: lésbicas sendo vítimas da ideia de que a única teoria-políticas-ideologia no interesse das mulheres é o Feminismo.

- As lésbicas podem ter apoiado essa teoria por conta dum alto complexo de culpa internalizada onde Feminismo parecia ser uma segurança respeitável para Homossexualidade.

Crítica:

É importante reconhecer que alguns grupos lésbicos não baseavam a si mesmos puramente em 'experiência pessoal'.

Exemplos: o grupo que formou-se depois da publicação de *Masques No. 1* foi organizado especificamente em torno de uma crítica dessa publicação num jornal e a linha que este tomou, i.e., uma negação das classes sexuais e, portanto, uma negação da exploração e opressão de mulheres como uma classe por homens como uma classe. O grupo tomou uma posição inteiramente oposta até o ponto que queria por um lado apoiar ao Feminismo Radical e, por outro, criticar todas as análises lésbicas de mulheres que produziram o jornal.

Outro grupo procurou reforçar Feminismo Radical com o peso do Lesbianismo político. Este grupo se recusou a entender que elas ainda estavam argumentando nos termos do inimigo, perpetuando a ilusão de que eles estavam se apropriando e transformando Feminismo Radical.

Nós pensamos que é também importante lembrar:

- a inabilidade teórica (veja as análises feministas) de entender ou desenvolver políticas lésbicas específicas começando por nossa prática social e posição específica na sociedade.

- confundindo, e portanto mitificação das lutas do passado.

- os pseudo-benefícios que poderiam derivar de ativismo político junto a mulheres heterossexuais.

Num movimento onde lesbianismo parecia (para algumas mulheres) ser a lógica do Feminismo, fomos colocadas no papel de sedutoras, precisamente porque nós somos vistas como as mais 'coerentes' e 'lógicas' (é interessante notar, uma vez mais, que a 'conversão' heterossexual ao lesbianismo parece somente ocorrer na cama. Esse processo continua em (ambos) *MLF(s)*, graças a maravilhosa teoria das etapas. Que senso de poder!)

D. Dez anos de história do MFL

Questões

1. Reavaliando o 'feminismo radical' (dos setenta).

Que estamos a fazer de seu papel no começo do *MLF* durante a onda de revolta, denúncias, rompimentos com as políticas tradicionais e a nova consciência dos numerosos aspectos da exploração e opressão das mulheres?

Que iremos fazer de seu papel com relação a lesbianismo? Não contribuiu ele para a negação do lesbianismo (mesmo que a maior parte das *Feministes Revolutionnaires* fossem lésbicas)?

O que é bem claro:

Os becos sem saída de sua teoria

Sua inabilidade de definir uma estratégia

Sua recusa em enfrentar heterossexualidade de frente (de uma outra olhada em C. Delphy 'L'Ennemi Principal' [O Inimigo Principal] em *Partisans Liberations des Femmes annee zero* [Apoiadores da Libertação das Mulheres, ano zero]).

Crítica

Embora seja importante analisar a tendência Feminista Revolucionária dentro do MFL, nos parece igualmente importante não confundir o comportamento pessoal de invidualidades com uma análise objetiva. Nenhuma análise da tendência Feminista Revolucionária pode ser feita sem referência a *FHAR*.

2. Psykepo: arquétipo da tendência Feminista socialista que, a despeito de aparências, permaneceu como um grupo coerente por 10 anos, esboçando suas justificativas de uma teoria naturalista.

3. Muitos anos de hegemonia, de 'feminismo luta de classes' (no sentido tradicional) ou 'feminismo socialista' buscando apenas trazer as lutas de mulheres alinhada com organizações masculinas na esquerda extrema (i.e., um conceito proletariado-burguesia de políticas).

4. Um período de algum modo difuso distinguido por um número de iniciativas (ação violenta, 'retome as noites', feminismo como uma 'força política compreensiva', 'coordenação horizontal'...)

Foram essas tentativas de romper ou... de jogar uma água fria no feminismo?

Isso não parece que poderia, de coração, ser a questão de qualquer um dois dois, mas, ao invés disso, do desejo de reforçar uma corrente (mais radical) que já existia no *MLF* (veja abaixo). Isto não poderia, em qualquer sentido, ser uma questão de romper desde que cada ação permanecia dentro do panorama do feminismo e foi baseado nisso. Nenhuma perspectiva lésbica emergiu durante essas ações, não se é pra falar de uma análise lésbica ou lesbianista. Teorias de violência não podem ser igualadas com teorias de Lesbianismo. Nem toda violência é lésbica, mesmo se Lesbianismo é 'violento'.

5. A situação hoje

- aliança entre uma parte do *Feminisme Revolutionnaire* (tendo perdido muito do seu radicalismo dos 70) e uma parte do Feminismo Socialista (forçado a aceitar a sua própria autonomia, dada a quase total desaparecimento da Extrema Esquerda).

- séria crise... revelando o beco sem saída a que Feminismo havia chegado, mas negado por feministas que atribuem as dificuldades a causas externas: des-radicalização, psykepo, a mídia... (ver o editorial de *NQF No.2*)

- como irão sair dessa encruzilhada? diversas hipóteses: aumentando a institucionalização? desenvolvendo um feminismo socialista Marxista (ver '*Marxisme et Feminisme*', discussão organizada por 'elles voient rouge' [el*s vêem vermelho]) [10]

- o que vai passar se não conseguirem sair?

Crítica

Nós acreditamos ser incorreto colocar a questão 'E o que ocorre se elas não saírem?'. Isso poderia, com efeito, negar a natureza de feminismo. Feminismo não pode alcançar um beco sem saída, ele é um beco sem saída para a liberação de mulheres. Se acreditarmos que Feminismo, ou Feminismos, são encarnações teóricas do poder falocrático (ou do sistema heteropatriarcal ou sexista, veja as discussões recentes sobre o movimento lésbico) nós não podemos logicamente acreditar que eles podem desenvolver numa luta de libertação e então decair em um *cul de sac*. Nós devemos, ao invés disso, analisar o que faz dele intrinsecamente um beco sem saída, uma teoria de como recuperar opressão. (Nós não devemos negar nem mesmo as mínimas vantagens que isso pode trazer para mulheres heterossexuais dentro da estrutura de opressão). A crise do *MFL* aponta mais claramente o que Feminismo é; mas, como um produto da ideologia dominante, (embora no presente principalmente organizada por mulheres) ele adapta à realidade material e toma diferentes formas. Se amanhã a principal tendência for Feminismo socialista (ou marxista), isso poderia simplesmente expôr sua habilidade em adaptar, ao invés de qualquer mudança qualitativa. O *MLF*, como qualquer outra coisa, poderia facilmente tomar uma aparência distinta.

Desde que Feminismo, a despeito do que ele tentou nos fazer crer (veja o editorial do *QF* No. 1), nunca foi uma teoria científica capaz de analisar a realidade objetiva como um todo, ou fazer respostas estratégicas e lutar para transformar essa realidade, é tempo de falar claramente sobre a nossa luta contra esta. Não é porque sua prática procede logicamente desde suas primeiras premissas que nós rejeitamos, abandonamos e lutamos. Pelo contrário, é porque esta é uma das mais refinadas artimanhas na história. Que é essa teoria científica que 'esquece' suas bases heterossexuais em sua análise da realidade? (tudo que estamos fazendo aqui é seguir o raciocínio acurado da própria C. Delphy em '*Pour un Feminisme Materialiste*' [Por um Feminismo Materialista] que apareceu em *L'Arc* sobre Simone de Beauvoir e a luta das mulheres. Seu raciocínio funciona da seguinte forma: é inútil obcecar-se por premissas que são então reveladas como vazias em cada disciplina individual; nós sabemos que a premissa básica da sociologia, por exemplo, implica a negação da opressão de mulheres e conseqüentemente,

- são incapazes de tomar isso em conta, são incapazes de encontrar no final da jornada o que estiveram intencionalmente negando.

- podem *apenas* conciliar e então contribuir para perpetuá-la.

O que faremos nós a respeito desse discurso 'anti-naturalista' que inclui a teoria da complementaridade via heterossexualidade (homem + mulher = criança) em suas premissas básicas, justificando opressão e exploração? O que faremos a respeito dessa teoria que sob o pretexto de não

cortar a si mesma de, ou ser entendida pelas mulheres [DES FEMMES], oculta delas a jaula na qual vivem, mesmo que devam cobrir de ouro as grades com textos, demonstrações e demagogia. Que efeito podem ter as táticas de guerrilha heterossexuais de pílulas e abortos sobre exploração? A única estratégia possível dos (vários) Feminismos é reforma de acordo com o desejo dos homens. (escravidão Sexista tem um futuro *rosy* depois disso).

É também importante analisar a significância do *MLF* da

- criação do *FLR* [*Front Lesbien Radical – Radical Lesbian Front*]
- a saída de muitas lésbicas, particularmente as mais radicais, do *MLF*.
- as contradições criadas por discussões sobre lesbianismo.

Tendo falado muito sobre isso, foi impossível que muitas mulheres pudessem permanecer indiferentes (Cf *La Revue d'en Face* que se sentia obrigada a fazer uma apologia à heterossexualidade); “*Elles voient rouge*” que queria “tomar conta da dimensão lésbica”; a criação do *MIEL* [11], etc...]

E. Lesbianismo Radical

1. Sua aparência proximamente dois anos atrás não é mero acaso.

Causas:

- a crise do Feminismo removeu um dos seus obstáculos, nos deu mais espaço, fez urgente criar uma alternativa... (mas nós contribuimos um pouquinho também para colocar este numa crise!)
- a convergência de muitos tipos de desafios ao Feminismo (embora eles não considerassem a si mesmos desafios ao Feminismo, mas à ideologias e práticas dominantes).

Crítica

“A crise do feminismo nos deu mais espaço”? É isso realmente uma razão? Esteve o Feminismo florescendo (em reformismo e Heterosocialidade, naturalmente) poderia o começo de uma consciência política Lésbica ter sido impossível? Nós não nos tornamos Lésbicas radicais por meio de desacato (nem um pouco mais que nos tornamos lésbicas por desacato!). É mais provável que a institucionalização do Feminismo, assim como uma certa maturidade (depois da alegria de 'sermos mulheres juntas’), combinada com o desenvolvimento de teorias feministas que eram inconsistentes e levaram apenas a um beco sem saída, e teorias de heterossexualidade feminista (tendendo a grupos mistos), pavimentaram o caminho para a emergência do Lesbianismo Radical

Não há crise do Feminismo, a menos que reduzamos Feminismo a uma única tendência no *MLF*. Isso seria certamente errado negar que feminismo radical está em crise, mas isso não representa seja o Feminismo seja a *MLF*.

Se essa tendência está em um ponto crítico, é porque nós temos, de um jeito essencial, colisionado com ela frontalmente. Lesbianismo radical desenvolvido de uma crítica dessa tendência, dentre outras razões. Foi desde então impossível parar seu desenvolvimento. O próximo passo lógico foi a criação de um movimento lésbico autônomo (independente do Feminismo).

Enquanto examinamos o desenvolvimento histórico de uma tendência política é importante olhar principalmente a suas próprias contradições internas, não à contradições pré-existentes (Feminismo, Lesbianismo dentro do *MLF*). Senão seremos apenas aptas a ver lesbianismo em relação a

Feminismo, e o *FLR* em relação ao *MLF*.

O papel jogado pela convergência de diferentes tipos de desafios foi vista acima. Sabemos muito bem, além do mais, que a vasta maioria destas 'desafiadoras' permaneceu no *MLF*.

Que podemos fazer em relação ao Feminismo?

- autonomia (mínimo requerido)
- pensamos que é essencial, no momento presente, separar-se do Feminismo, permitir nossas próprias idéias progredirem (Mas o problema é unir-se em torno da questão que colocamos no começo: deveríamos dar à palavra Feminismo um novo sentido, ou não?)
- também precisamos refletir sobre a história do *MLF*:

que são os pontos finais?

qualquer ganho esperável? ou não há nada positivo?

que impacto isso teve nas mulheres, sociedade, homens como uma classe?

- e um dilema político:

que respostas poderíamos fazer às questões que inúmeras mulheres possuem nesta questão?

que braços a mais na nossa luta nos dá uma análise do passado?

Crítica

- que atitude devemos adotar em torno das correntes lésbicas dentro do Feminismo (obviamente precisamos examinar os meios que empregamos de alcançar lésbicas como um todo).
- é importante 'coletivizar' nosso conhecimento, documentos, textos históricos, relatos pessoais... como a base de um trabalho coletivo.

Notas

1. Front Lesbien Radical (FLR) – Frente Lésbico Radical
2. Conferência ocorrida em novembro de 1981 para a qual este texto foi uma contribuição dentre outros.
3. I.e., é considerado uma obstrução deliberada de um movimento para os 'direitos' das mulheres.
4. Seu nome real era 'Les Mlle et une tendances'.
5. Psychanalyse et Politique, uma tendência baseada numa perspectiva naturalista que tentava alcançar a hegemonia do *MLF* por apropriar-se do nome (Mouvement de la Liberation des Femmes) como sua própria marca registrada.
6. Um grupo gay ativo de 1971-1973.
7. Ativo de 1978-1980.
8. Jornal gay misto publicado em 1979-1984.
9. O primeiro grupo lésbico no *MLF* (1971-1973).
10. Jornal de uma tendência de feministas que eram ao mesmo tempo membras do PCF (Partido Comunista Francês).
11. Mouvement d'information et d'expression des lesbiennes, grupo lésbico feminista, começado em 1980.

Retirado do livro “*For Lesbian only – a separatist anthology*” Sarah Lucia Hoagland & Julia Penelope.

Tradução por hembrista@riseup.net